



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 1 de Novembro de 2014 • Ano LXXI • N.º 1843 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

BENGUELA

Padre Manuel António

Olhos cheios... olhos vazios

ESTOU a escrever-vos na nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Passados três anos, senti necessidade de algum tempo de repouso. Ao mesmo tempo, aproveitei a oportunidade para uma revisão do estado de saúde, pelos agentes que foram acompanhando a minha vida ao longo dos anos. A nossa Casa do Gaiato de Benguela veio no meu coração. Os nossos queridos Padre Quim e José Luís ficaram na companhia dos 120 rapazes, para os servirem na boa condução das suas vidas. A Teresa, mãe dessa família numerosa a quem deu a sua vida, num só coração com o José Luís, acompanhou-me com o espírito de ajuda.

Ao chegar a Portugal, trazia os meus olhos cheios de crianças. Todos os dias, ao sair da Casa do Gaiato de Benguela para cumprir a minha missão, o meu coração mergulha num verdadeiro oceano de filhos, desde as escolas até às ruas. Ao desembarcar do avião, ao longo da viagem por estrada, atravessando as povoações, meus

olhos ficaram vazios de crianças. É uma situação muito triste que caracteriza a sociedade portuguesa. A criança é o futuro do amanhã. Os filhos são o futuro da família. Onde está? Fiquei impressionado e feliz, quando, num centro de saúde, há dias, duas jovens reconheceram-me como padre e, num gesto de muita confiança, disseram-me que estavam para dar à luz o segundo filho e queriam que fossem baptizados por mim. Foi apenas um momento alegre de pessoas que não se conheciam. Nos filhos estava a fonte da alegria. Quem dera os lares regresassem às fontes! Os pedidos que batem à porta da nossa Casa do Gaiato de Benguela para acolher crianças são em grande número. Tenho partilhado convosco esta realidade. Quem nos dera recebê-las! Vamos tentar criar o espaço necessário. É possível, desde que não nos faltem os meios económico-financeiros. Neste momento, embora com muita esperança, é um problema preocupante. Vamos continuar.

Quando vossos olhos poisarem nestas notas, aconteceu o aniversário do nascimento de Pai Américo, no dia 23 de Outubro de 1887. Foi há 127 anos. Pai Américo continua vivo nos nossos corações. A Obra da Rua, a árvore que Deus plantou no seu coração, é o testemunho qualificado da sua presença. Esta árvore, o grande milagre do seu coração de santo, tem os seus ramos todos virados para a rua, com o significado de área social dos excluídos, dos abandonados, sem família ou tendo-a, é como se não a tivessem. As Casas do Gaiato são o ramo que cobre a criança da rua. Todo o filho tem o direito natural a uma família. O abandono dos filhos por parte dos pais é um problema social grave. As nossas Casas do Gaiato querem ser a sua casa de família. Deus Pai encontrou no coração de Pai Américo o exercício da Sua paternidade. Recordo o meu encontro pessoal com Pai Américo, há 59 anos. Era um jovem de

Continua na página 3



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

AQUELA família de que falámos, constituída pelo casal e sua filha, por quem intercederam uns seus amigos, já tem um dos seus problemas resolvidos com a cobertura nova na sua casa, o qual não sendo o maior, devido às graves doenças que os apoquentam, veio no entanto trazer-lhes algum alívio e descanso perante as chuvas e as intempéries. Gostaríamos de trazer uma imagem da casa, mas o espaço exíguo que a circunda, trata-se de uma espécie de «ilha», não o permitiu.

O interior da habitação carece ainda de melhorias, visto que as divisões não estão acabadas e não fecham no tecto, tendo ainda portas que não giram em dobradiças mas simplesmente se deslocam a pulso.

Apesar desta boa notícia, que lhes trouxe alguma alegria e motivo para a esposa agradecer «de todo o coração», soube da boca do marido que a sua saúde está mais comprometida, segundo os exames mais recentes que efectuou no IPO do Porto. A ajuda que lhes demos foi importante mas a dor continua a acompanhá-los.

Não muito longe de nós, outra família habita uma casa cujo telhado está em muito más condições. Também aqui a doença afecta uma parte dela e levou já desta vida o pai de família.

Há vizinhos que os têm apoiado, e se puseram já à disposição para refazerem o telhado da casa desde que apareçam os materiais, para os quais

não têm meios. Perante tantas carências e com a união de boas vontades que os rodeiam, prometi-lhes também a nossa ajuda para que, logo que seja oportuno, possam adquirir os materiais e meter mãos à obra.

Os pedidos de auxílio multiplicam-se, para atendermos a vários tipos de necessidades básicas. Uma vez por outra recebemos pedidos abusivos, feitos sem qualquer fundamentação, mas que intuitivamente e pela falta de razões objectivas não acolhemos. Outros há em que ajudas relativamente pequenas, se tornam um bálsamo para as aflições dos que nos procuram. Todas merecem um especial cuidado, com o testemunho da comunidade cristã onde reside o Pobre que nos procura e a nossa visita sempre que é possível. De nada nos servem comprovativos civis, cuja fundamentação nos deixa sérias reservas. Melhor e mais credível é a palavra de quem acompanha, serve e conhece as pessoas da comunidade.

Mesmo para os auxílios pedidos em alimentos, que estão agora chegando ao final do stock que fizemos ao longo do ano e especialmente no último Natal, apresentados por tantos que a nós recorrem, precisamos de saber se correspondem a uma verdadeira necessidade. Muitas vezes os vamos levar longe, a famílias cujas carências não enganam. Ontem como hoje, esta espécie de multiplicação dos pães continua a ser o consolo de muitos. □

Prémio Padre Américo

AS referências do tempo passado são uma ajuda, que poderá ser muito importante, para o tempo presente.

Pai Américo foi e é uma referência para quem o conheceu em vida ou através dos múltiplos testemunhos que nos deixou.

Avivar estes testemunhos, é o que propõe, aos destinatários deste Prémio, esta iniciativa nascida da amizade do sr. José da Cruz Santos a Pai Américo e à Obra da Rua, que por maioria de razão fizemos também nossa.

As novas gerações de estudantes têm aqui um estímulo que enriquecerá a sua humanidade e que, pelo livro que resultará da sua dedicação e trabalho, se comunicará a todos os que o lerem.

REGULAMENTO

Para os três melhores textos de estudantes do 12.º ano ou do ensino universitário sobre o Padre Américo e a Casa do Gaiato.

Finalidade

1. O Prémio Padre Américo, instituído por Modo de Ler – Centro Literário Marinho, Lda. e a Obra da Rua – Obra do Padre Américo destina-se a comemorar os 70 anos do Jornal *O Gaiato* e contribuir para a divulgação do pensamento e da Obra do fundador da Casa do Gaiato, Calvário e Património dos Pobres.

Apresentação a concurso

2. O Prémio distinguirá os 15 melhores trabalhos sobre o Padre Américo e a Casa do Gaiato enviados para a Editora, em 6 cópias, até 31 de Março de 2015. Só poderá ser apresentado 1 trabalho por concorrente e não poderá exceder as 10 páginas de texto dactilografadas a 1 espaço, podendo ser apresentados em anexo, caso existam, documentos fotográficos. O concorrente deverá indicar os seus elementos de identificação: nome, data de nascimento, endereço, contacto telefónico e também o estabelecimento de ensino que frequenta e em que ano se encontra.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

VISITA FESTIVA — Na nossa Casa recebemos um pedido de um casal para aqui celebrarem o seu matrimónio. Cedemos o espaço e o nosso coro, que juntamente com o professor de música, participaram na celebração. Depois o casal acabou por convidar alguns Rapazes para «o copo de água». Foi um casamento muito bonito celebrado por um padre espanhol e principalmente por ter sido ao ar livre.

LIMPEZAS — Na nossa Aldeia os Rapazes têm andado ocupados a varrer as ruas e a apanhar os montes de folhas, que caem das árvores, e os paus que há tempos caíram das mesmas devido aos ventos fortes e às chuvas. Assim, a pouco e pouco, a Aldeia vai-se mantendo limpa e mais agradável para quem nos visita.

PADRE MANUEL ANTÓNIO — Recebemos na nossa Casa o sr. Padre Manuel da nossa Casa do Gaiato de Benguela e a D. Teresa que o acompanha. Quando cá chegou reconheceu logo o seu Rapaz, o Jesus, que veio há uns anos para cá para tratar da sua visão. O Padre Manuel veio a Portugal com a intenção de fazer exames médicos para saber do seu estado de saúde e para descansar. Daqui a poucos dias regressará a Benguela para continuar a sua missão.

CONTENTOR — Já partiu para a Casa do Gaiato de Malanje o contentor que o Padre Telmo veio preparar, o qual leva coisas muito necessárias à Comunidade de Malanje e que estavam a fazer falta. Isto só foi possível graças à ajuda dos nossos Amigos, que conosco partilham os seus bens. Esperamos que o contentor chegue bem. Em nome dos malanjinos agradecemos a todas as pessoas que ajudaram a encher o contentor. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

COMBATEU O BOM COMBATE — Os Leitores que me pedem se acharem que a crónica de hoje é demasiado pessoal, mas não consigo resistir. Por esta altura completam-se quatro anos sobre a data em que partiu para o Céu quem, durante muito tempo, redigiu esta crónica: Júlio Mendes. Das memórias mais fortes que me ficaram da infância, há uma que tem que ver com a forma como decorriam os Domingos à tarde. Depois de almoço, ia pela mão dele dar a volta pelas casas das pessoas que eram acompanhadas regularmente pela Conferência Vicentina e por outras que também precisavam de ajuda. Em situações que, nessa altura, se não eram de pobreza extrema, andavam lá perto, a ajuda material que se levava era muito precisa, mas não era isso o mais importante. O mais importante era ir ver as pessoas no sítio onde moravam, falar com elas, fazê-las sentir que tinham ali uma mão amiga para o que precisassem e estivesse ao seu alcance.

Uma das coisas de que muitas precisavam, nessa altura, era uma ajuda no calvário burocrático que era preciso para poderem ter acesso aos direitos sociais que eram os seus. Quantas cartas, quantos telefonemas e quantas outras diligências ele não fez, muitas vezes ao longo de vários anos, mas sem nunca desistir, até que cada pessoa pudesse ter acesso aos seus direitos sociais. São muitos os que por aqui, hoje, estão a beneficiar disso. Nessa volta aos Domingos à tarde também se cuidava desses assuntos, mas isso continuava durante a semana. À hora de almoço ou ao jantar, quase não passava dia nenhum que não batesse alguém à porta, por causa de mais uma carta ou de mais outro papel que era preciso, para tratar de um pedido de reforma ou do acesso a outros direitos sociais.

Podia relatar-vos aqui mais memórias deste género, mas talvez baste, para terminar, repetir o que por aqui muitas pessoas que o conheceram dizem: quase não há família nenhuma nesta terra que, de uma forma ou de outra, não tenha tido dele um gesto de ajuda quando dela precisou. Em muitos casos, essas pessoas não precisaram de lhe bater à porta. Às mais “envergonhadas” era ele, com o seu sentido de inquietação vicentina, que, discretamente, as abordava e lhes perguntava se precisavam de ajuda. Com essa mesma discrição fazia-lhes chegar essa ajuda. Nunca fez isso para ganhar votos, poder, dinheiro, popularidade, ou outros favores. O que por mais do que uma vez arranhou, foi invejas de gente a dizer mal, porque ajudava A e não ajudava B e outros sarilhos. Nunca isso foi razão para responder na mesma moeda e deixar de continuar a ajudar quem precisava, de forma totalmente desprendida dos vãos poderes deste mundo, e sempre com os olhos em Deus.

Ter tido um pai assim, é um dom inestimável que só a Graça de Deus pode explicar, porque nada fizemos para o merecer. Se nada fizemos para merecer este dom, temos que o “fazer render” sem cessar e até ao limite das nossas forças, mesmo que seja difícil chegar sequer “aos calcanhars” de quem foi tão excelente modelo de acção vicentina.

Que o exemplo dele e a intercessão dele por nós junto de Deus nos ajude a vivermos uma vida no final da qual se possa dizer o que, na crónica que escrevi por altura do seu falecimento, fui buscar à 2.ª Carta de São Paulo a Timóteo: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira neste mundo, guardei a fé”. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Por estes dias que parecem de Verão, aproveitou-se para começar a grande safra da apanha da azeitona das nossas oliveiras; mas, têm caído muitos frutos no chão. Na horta, o couval de tronchudas está um mimo. No pomar, os diospireiros estão carregados. Do celeiro, começou-se a desfolhar as espigas de milho grão, no fim do estudo.

PRÉMIO ECOLÓGICO — A convite da Escola Básica do 1.º Ciclo de Lamas, foi-se receber um prémio de bens alimentares (de um supermercado) atribuído a esta Eco-escola, que decidiu entregar à nossa Casa. É um reconhecimento do concurso da *Geração depositão*, pela recolha de resíduos de equipamentos e pilhas. Bem-hajam! Lembra-se que

foi aí Pároco um companheiro de Seminário do nosso Pai Américo: o Sr. Padre Luciano.

ANTIGOS GAIATOS — Os corpos gerentes da Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Centro tomaram posse a 12 de Outubro, Domingo, de tarde. Isto aconteceu na nossa Escola e foram bem recebidos. Que não se esqueçam da sua Casa!

VISITANTES — Mais uma vez, os nossos amigos e amigas de Castelo Branco, com a incansável Sr.ª D. Fernanda à frente, vieram estar conosco no dia 19 de Outubro, Domingo. Prepararam bem a visita e com antecedência. Chegaram a tempo da nossa Eucaristia das 10 horas, em que foram lembrados em especial os doentes e os que já partiram. Como

estava tempo de Sol, visitaram a nossa Casa e a quinta, convivendo alegre e tranquilamente, enquanto algumas senhoras confeccionavam um bom almoço. Esta refeição foi às 13 horas, no nosso salão polivalente, que é espaçoso, a que se seguiu um cafezito. Deixaram as suas partilhas, que muito agradecemos, e ainda nos ofereceram uma merenda ajantarada agradável.

Nesse momento, chegaram também crianças e adolescentes, com pais e catequistas da Paróquia da Ilha (Pombal), com a sua ajuda, pela qual estamos gratos. Todos partiram felizes por este belo dia! □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro, 23.000 exemplares

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Queremos alertar os caminhos duros dos nossos Pobres, porque no período de crise que estamos a atravessar, cada vez é mais difícil ser-se pobre, infelizmente eles têm carências a todos os níveis, quer de ordem financeira quer de ordem pessoal.

Para os que têm filhos, é os livros, passes, remédios, alimentação e de tudo o mais elementar necessário para a sua sobrevivência e da restante família, e nós vicentinos jamais somos capazes de ajudar e pôr travão a todas estas carências com a nossa pequena ajuda.

Ouvimos os seus lamentos e perguntando à nossa tesoureira, ela nos responde que não se pode ajudar na compra de óculos, não se pode ajudar nisto ou naquilo, porque não temos dinheiro. Nós, vicentinos, não queremos encolher os ombros, mas ultimamente não só encolhemos os ombros, como encolhemos o corpo todo, porque a realidade é dura, pela não existência monetária. Os pobres são campeões de obstáculos sem fim à vista.

Os vicentinos nunca dão o seu tempo por mal empregue em saber ouvir o seu irmão mais carenciado, que nos apresenta constantemente os seus problemas, mas, ao mesmo tempo, custa-nos dizer desta vez não pode ser, talvez para a próxima a ajuda seja maior, e chegamos à próxima e vamos de mãos vazias. Isto que estamos a fazer, como vicentinos, é fruto da obra de Deus. Por isso, enquanto o Pai nos der um empurrãozinho nas costas, nós lá vamos andando acima e abaixo, como Ele quer, porque a obra é Sua.

Uma das vontades do nosso querido Pai Américo era

a existência das Conferências de São Vicente de Paulo, e nós assim desejamos seguir o seu pensamento.

Pai Américo dizia que as Conferências de São Vicente de Paulo são o elemento indispensável na nossa formação de verdadeiros cristãos, nós vicentinos estamos aqui a responder ao Pai Américo, porque quantas vezes inexplicavelmente, pelas lições que com os pobres aprendemos e pelo contacto que temos directamente com os mesmos, sentimos a sua miséria social, e nós, gaiatos, que já passamos por situações semelhantes, conseguimos sentir o sofrimento destas famílias.

Aproveitamos para dizer o seguinte: Todas as dívidas que os nossos pobres contraem, quer na renda da casa, água, luz e outras, nós só os ajudamos depois de confirmarmos junto das entidades a veracidade de cada uma das situações, e que estas não sejam rotina, porque aí estamos atentos às suas carências de poder ajudar ou não, porque achamos que devemos gerir as ajudas com muito cuidado, para não criarmos vícios, mas também sermos cuidadosos na análise que fazemos para cada caso.

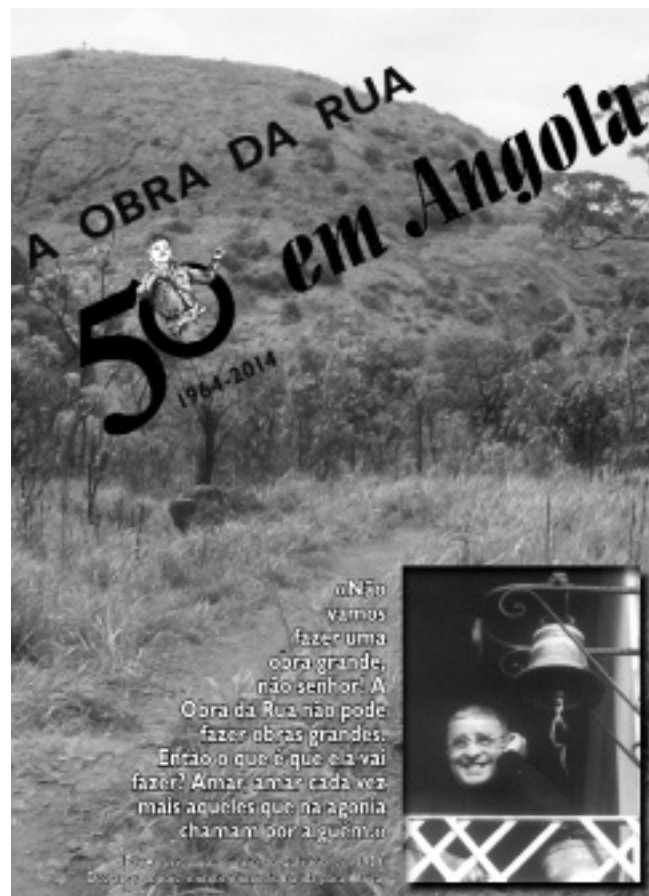
O QUE NÓS RECEBEMOS — Amiga, de Fiães, 50€. M. Inês, 50€. Marcolina, 10€. Assinante 61888, 50€. Rosa Godinho, 50€. Urânia, 25€. Isabel Braga, 50€. Áurea Barros, 100€. M. Isabel, 30€. M. Gabriela, 200€. Aura, 30€. M. Luísa, 50€. Francisco Lopes, 20€. Roberto Almeida, 50€. M. Eugénia, 100€.

Queremos agradecer a todos os amigos que nos apoiam na nossa caminhada.

O nosso NIB: 0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço:

Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □



Revista A Obra da Rua 50 anos em Angola

Os nossos Rapazes continuam a despachá-la, via CTT, prontamente.

Esta Revista, comemorativa dos 50 anos das Casas do Gaiato em Angola, tem 24 páginas, capa incluída, a cores. Foi concebida no formato A4 e contém testemunhos daqueles que foram como “fundadores”, bem como de Rapazes que passaram por aquelas nossas Casas — e mantêm seus laços de Família com elas.

O centro da Revista é constituído por crónicas d'época, publicadas n'O GAIATO, que nos dão conta, quase a *pari passu*, de como a aventura começou e foi levado a termo este desafio — foi “sonho” de Pai Américo. Os nossos Padres dizem-nos do início, da guerra, da nacionalização e do regresso a Angola.

É uma publicação tão cheia de vida que nos apetece parafrasear o Poeta Machado y Ruiz e dizer com ele: «Caminhante, não há caminho. / O caminho faz-se ao andar».

Para receber o seu exemplar, dirija o pedido à: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa, pelo telefone 255 752 285 ou por e-mail: obradarua@iol.pt.

Júlio A. B. Fernandes

SETÚBAL

Padre Acílio

Colheita do milho

NESTA Casa, a sementeira do milho, no final da Primavera, e a sua colheita, nos fins do Verão e princípio do Outono, é uma tarefa árdua, pois tem de ser feita a tempo, para que resulte.

Como o leite é a nossa maior fonte de receita e o milho indispensável à alimentação das vacas, compreende-se que todo o cuidado com o desenvolvimento da seara e a sua colheita tem de ser atento.

As chuvas antecipadas do Outono trouxeram-nos imensas dificuldades, pois os tractores, tanto o que colhia como o que acarretava, enterravam-se nas terras e... nada feito.

Quando o tempo permitia e os terrenos enxugavam um pouco, lá iam eles, os rapazes, até às tantas da noite! A senhora ainda se desapacentou por causa do jantar deles! — *Mas, então, é preciso assim trabalhar até tão tarde?* — Passava das onze.

O nosso milho, este ano, estava uma beleza. Alto, com grossas e compridas maçarocas, deliciava contemplá-lo.

Ainda temos algum para colher, mas está em terra arenosa e alta e será ceifado e posto no silo em cima do outro, logo que atinja a maturação exigida.

A máquina que corta o milho, apanha toda a planta e despedaça-a completamente, moendo o carolo da espiga e debulhando os grãos que ficam misturados com toda a palha verde e, ao mesmo tempo, projecta-a para um atrelado que o mesmo tractor reboca, enquanto ceifa. Quando este atrelado fica cheio, aproxima-se outro vazio e este é levado para um silo e descarregado automaticamente, através do macaco hidráulico, accionado também pelo tractor. É um vaivém muito intenso. Enquanto uma máquina enche o reboque, a outra carrega-o e despeja-o no silo. Assim, numa roda-viva!... Se um se atasca, pára tudo.

Temos uma mini vacaria. Nem podia ser de outra maneira. A agricultura está ao serviço da educação integral dos rapazes, mas... mesmo assim... as nossas vacas comem por dia uma tonelada e meia de milho. É preciso muita coisa para o ano inteiro. E o milho não pode faltar, sob pena de se reduzir imediatamente a quantidade e a qualidade do leite.

Sala de ordenha

O Miguelito tira o leite diariamente e, aos Domingos, folga. É substituído por outro rapaz, adestrado antes na lida das vacas e

das máquinas. Assim, quatro deles, na folga do Miguelito, tiram o leite, cada um no seu Domingo ou feriado. Anda à roda, um a seguir ao outro.

A tiragem do leite é, por si, um contacto muito directo com os animais e uma grande responsabilidade. Não se pode ordenhar um tecto doente para um tanque com 2000 litros de leite, pois, se isso acontecer, estraga-se o leite todo e o prejuízo é enorme.

A venda do leite, mais a do Jornal, são as únicas receitas certas para as nossas excessivas despesas. Este trabalho não consiste somente em tirar o leite, mas é acrescentado com o dever de alimentar os pequenos vitelos, os quais nunca mamam nas mães e são habituados, logo desde o primeiro dia, a uma mamadeira; depois, sorvem o leite no balde.

Há sempre mais de uma dúzia de pequenos bezerrinhos a alimentarem-se somente a leite.

O responsável pela sala de ordenha, ajudado por dois mais novos, deve cuidar igualmente da limpeza do leite, desinfecção das vasilhas e até das mãos dos tratadores, para que as pequenas crias, não contraíam doenças intestinais.

Alguns dos que assumem este trabalho, frequentam na sua carreira académica, cursos superiores e realizam-no com dedicação, generosidade e garantia.

Só lhes faz bem! □

«NENHUM DE NÓS É ETERNO...»

Padre João

ESTA expressão ouvia-a algumas vezes ao Padre Horácio e recorde-a como sabedoria de vida. Quando nos via agarrados, com teimosia, a certas ideias, saía-lhe da boca esta expressão sábia e evangélica: «Olhe que nenhum de nós é eterno...».

A proximidade da Comemoração dos Fiéis Defuntos fez-me recordar esta pessoa, de viver humilde e santo, que foi o Padre Horácio — bom sacerdote já na Eternidade.

Paralelamente a ele, outra companheira, a Senhora Dona Maria da Luz. Não podemos deixar de recordar o seu testemunho de vida escondida e, até, as suas últimas disposições para a sepultura... Tantos anos, estas duas criaturas no esconimento das suas vidas,

alegres, dedicadas e felizes, serviram o Deus Eterno, que Se fez pobre e pequenino por amor de nós — que teimamos em ser o contrário: ricos e grandes. Como ele se afligia de ver nos escritos do Jornal «O Gaiato», em destaque, o pronome pessoal “eu”. Apelava, com alguma insistência, para o testemunho do Padre Américo, moderado e modesto, a este propósito: «Eu sou pó e cinza... Sou nada...».

Maria da Luz tinha a fé dos crentes de Israel; dos «santos de Deus». Quando interpelada sobre algum aspecto da sua vida espiritual, voltava-se para o Crucifixo da Capela ou da sala, com fervor místico e grande simplicidade, respondia feliz: «Aquele é que sabe tudo...». Era “o Eterno” que trazia dentro

de si a expressar o indizível. Padre Horácio e Maria da Luz, dois seres humanos que não deixaremos de lembrar no altar do Senhor, e nos nossos corações, nesse dia em que saudosamente recordamos os nossos ente queridos que já partiram.

Não nos sentimos bem dizendo que sufragamos as suas almas — sem mais. Preferimos dizer francamente que junto de Deus intercedam por nós. É que as suas vidas foram cheias de mérito.

Nós acreditamos na Ressurreição dos Mortos. LÁ, do Céu, venha a Luz da Ressurreição total que os seus restos mortais aguardam nos cemitérios da Lentisqueira e de Lamas.

«Dai-lhes Senhor o eterno descanso...». □

Prémio Padre Américo

Continuação da página 1

Natureza do prémio

3. O valor pecuniário do 1.º Prémio é de 2.000€ e de 750€ para o 2.º Prémio e de 250€ para o 3.º e uma colecção de 10 livros editados pela Modo de Ler. A cada um dos restantes 12, será oferecida uma colecção de 5 livros. A Casa do Gaiato atribuirá uma colecção de livros do Padre Américo da sua Editorial aos três primeiros premiados.

4. Os 15 trabalhos serão editados em livro desde que se verifique terem a qualidade exigida ou somente aqueles que a satisfaçam, ficando a publicação de anexos fotográficos sob reserva, com uma tiragem não superior a 2000 exemplares, recebendo cada um dos 3 primeiros premiados nele incluídos 5 exemplares, e os restantes concorrentes 2 exemplares cada.

5. Os autores dos 15 trabalhos editados em livro ficam com a liberdade de dispor dos respectivos direitos autorais para as possíveis edições subsequentes, uma vez esgotada a primeira, e no caso de a Modo de Ler não desejar reeditá-la, nas condições habituais.

Constituição do júri

6. O Júri será constituído por: Padre Júlio Pereira (Director da Casa do Gaiato). Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Professora Catedrática da Universidade de Coimbra. Dr. Fernando de Almeida, professor da Universidade Lusíada. Dr. Gil Moreira dos Santos, advogado e professor da Universidade Portucalense. Prof. Doutor Luís Fernandes, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Um representante da Editora Modo de Ler.

Publicitação e entrega do prémio

7. Os trabalhos premiados serão anunciados em 16 de Julho de 2015, data em que se lembram os 59 anos da morte do Padre Américo, e será divulgado pela Comunicação Social.

8. A obra que reunirá os textos distinguidos será publicada em Outubro de 2015, sendo objecto de uma apresentação pública, no Porto, em lugar a designar, com a presença dos premiados. Nessa altura serão entregues os respectivos Prémios.

9. Os prémios poderão não ser atribuídos caso o Júri considere, por maioria, que os trabalhos apresentados a concurso não têm a qualidade exigida.

Omissões do regulamento

10. As questões omissas neste regulamento serão resolvidas pelo Júri e delas não haverá recurso.

Porto, 23 de Outubro de 2014

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

No silêncio um sorriso

NÃO será de estranhar, mas de perscrutar nos instantes do quotidiano, percorridos quantas vezes superficialmente, por veredas, tantos sinais de sede de Deus, que Se mostra, mesmo escondido e calado.

Até os indiferentes não terão ficado insensíveis aos ecos da Assembleia do Sínodo sobre a Família, num assunto incontornável da Humanidade, acerrimamente questionado nos seus fundamentos e desvios, desde os anos 60. Não afecta só os europeus, em *inverno demográfico*, nem é tema estritamente confessional; pois, da saúde das famílias depende o presente e o porvir da grande família humana, nos vários continentes e em culturas diversas, até de poligamia. O Papa Paulo VI afirmou bem alto: *Homens, sede homens!*

Para além das questões chamadas fracturantes, sobre os contornos da família, entre outras, são preocupantes o avolumar dos divórcios, as crianças que se desenvolvem com um dos pais, o individualismo e a precariedade do trabalho. Se a discussão é saudável, a misericórdia é o cerne do agir cristão, em que não se pode passar ao largo dos *feridos* da vida e das famílias. *Os teus pecados estão perdoados*, disse Jesus a uma mulher. A solidão e as fragilidades humanas são um vasto campo de acção e contemplação, sem desprezo por ninguém, acolhendo e dando sentido e esperança aos desanimados e marginalizados. E propondo sempre o desígnio original sobre o casal humano em que a verdadeira família é uma *igreja doméstica*.

No Velho Continente tem aumentado também a pobreza infantil, que se cifra em 27 milhões de crianças nesse risco, dilaceradas pela miséria e contendas. Se toda a criança deve ter uma família equilibrada, isso não deveria acontecer a todo o custo por qualquer dita lei pseudomoderna, fora do compromisso na diferença e complementaridade da pessoa humana.

Em face das dores humanas, uma linguagem certa quantas vezes é o silêncio interior, não o esquecimento nem a inacção. O ser humano não é uma ilha perdida na vastidão universal. É preciso tempo e disposição para a escuta e para sair ao encontro dos outros. Sem ferir a publicidade dos seus rostos, nestes dias de Verão tardio, encontrámos situações de aflições e busca de sentido que nos serviram de lições. É mesmo uma inquietação o tugúrio do pai de um filhito acolhido. Depois de encontrarmos o seu carreiro, parámos para localizar o dito barraco (já mostrado, mas não identificado) e parecia-nos estar naqueles locais e guerras tremendas em que se verte imenso sangue e ferem os corações humanos, como no Médio Oriente. Ficámos mudos diante dos escombros, para eventual realojamento; porém, ele baixou no terreno desse monte e para cubículo pior. O seu pequeno tinha-nos avisado: — *Eu bem disse...* Tal pai, tal filho, uma vez que não perderam a alegria de viver, considerando que o miúdo vai crescendo feliz, entre nós, e o progenitor não desiste de procurar trabalho, conforme nos transmitiu depois do Sol posto: — *Consegui umas horas como servente numa obra*. Retribuiu-nos assim a nossa visita com a sua tenacidade, nos arrabaldes dessa cidade. É uma obra humana gigantesca levantar o ânimo dos abatidos e mais quando a justiça não é prática social generalizada. Contudo, bastam pequenos pontos de apoio para que se rasguem sorrisos.

Também aí, longe de olhares indiscretos, conseguimos chegar facilmente a outro menino, cuja tragédia humana ainda não dá grande espaço de manobra. Seu pai, com enfermidade súbita está algures em Hospital de rectaguarda e alguns parentes do pequeno foram buscá-lo para o proteger, pois a sua mãe foi para longe. Acontece que não há rasto do paradeiro dos seus documentos e deixou de ir à Escola. Quedámo-nos numa cozinheira a olhar para o rapazito com um sorriso no seu rosto magoado.

Ainda não fomos a Belém nem a Nazaré, mas naquelas crianças pobres vimos tantas como elas por esse mundo além e por quem Jesus tinha mesmo de descer dos Céus até ao colo seguro e terno de Maria. Assim, a Humanidade encontrou uma ajuda única e preciosa para que todo o ser humano seja redimido. É viável uma Humanidade diferente da ordem da Criação? Com o seu silêncio no rosto e um sorriso no ventre, veio e vem a alegria ao mundo! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

21 anos, à busca do caminho para a vivência dum sacerdócio feliz. Pai Américo abriu-me a porta do seu coração, cheio de alegria, presente na Obra da Rua. Assim aconteceu dois anos depois, quando recebi o Sacramento da Ordem. A Casa do Gaiato de Paço de Sousa foi o meu campo de trabalho durante os seis primeiros anos do meu sacerdócio.

A Casa do Gaiato de Benguela foi o ramo da Obra da Rua que nasceu sete anos depois da morte de Pai Américo. Estamos ainda a celebrar os cinquenta anos do seu nascimento, juntamente com a Casa do Gaiato de Malanje.

Outro ramo maravilhoso desta árvore da Obra da Rua é o Calvário. Nasceu para acolher o doente incurável abandonado que não tem lugar no hospital, nem família para o acolher e acompanhar. Quem dera também chegasse a Angola! É a coroa desta árvore maravilhosa que é a Obra da Rua. Benguela seria uma sociedade humanamente mais rica e feliz com o nascimento do Calvário para os doentes incuráveis e abandonados. Temos esperança.

Estas notas são uma lembrança do aniversário do nascimento de Pai Américo. O amor que o levou a dar a sua vida pelos mais pobres encha também os vossos corações e vos leve a partilhar o pouco ou o muito que tendes. Como sempre, com um beijinho para todos vós dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

MEU Deus, eu creio em Vós, mas aumentai a minha fé. «Não há no mundo alavanca mais forte para fazer face à vida como a Fé», dizia Pai Américo. Tão enfraquecido estou que não tenho mais para onde me virar e toda a minha confiança está em Vós. Sei que velais por nós até durante o sono. Posso dormir tranquilo, que é uma vantagem grande para, na alvorada, encarar outros desafios. Os problemas que nos atormentam nesta Casa de Moçambique, são muitos e surgem como cogumelos debaixo dos pés em cada dia. Os dos Rapazes já bastariam para nos encher as horas do dia e da noite. São os que surgem de fora. A falta de correspondência aos apelos de ajuda. A burocracia que nos tira a alegria de viver. Por respeito não atiramos à cara de quem tanto nos exige, que nada têm para si, nem parecido com o que temos e fazemos aos nossos. Mas é a corrupção, engalanada com atavios do poder, da força do poder, neste caso, só vencível com dinheiro na mão. Como não temos, baseiam-se em razões, em artigos e alíneas que desconhecemos, para nos assustar. E ficamos entre duas paredes. De um lado, está o poder de que vêm revestidos e temos de respeitar. Do outro, é a nossa fraqueza de não termos tido tempo para saber dos meandros burocráticos em que nos enleiam. E já apertaram tanto o cerco, que chegaram a ameaças de prisão. É a falta de uma assinatura que há um mês, quase diariamente, procuramos, para receber uma ajuda da Segurança Social de Portugal. É do ministério da tutela, a quem tanto temos ajudado ao receber crianças sem ninguém, às vezes sem identidade ainda, com mais de três anos, que nos trata assim, sabendo que vivemos apertados em dificuldades económicas e parece negligenciar o que tanta importância tem para nós. Já lhes disse que este ano não receberemos nenhuma, pela necessidade de ficarmos pelas cem. Não vale a pena dizer mais, mas avaliamos os motivos. Veremos, quando assentar o pó das eleições. Parece que estamos a escavar um túnel na rocha dura. Temos a certeza de que a Luz



está do outro lado. Porque, como dizia o Pai Américo em Fátima: «O Samaritano é o único que vence todas as partidas». Que nos importam os atropelos, as ameaças, os castigos das leis dos homens? □

VINDE VER!

Padre Quim

A audácia da verdade

TANTAS vezes ao dia somos importunados nas nossas tarefas caseiras, para atender às inúmeras solicitações das pessoas que nos procuram. Ou porque se sentiram tocadas de quanto se ouve falar do nosso estilo de vida e da recuperação digna que a nossa grande família presta aos mais necessitados ou porque desejam que nos sintamos tocados pelas suas carências e limitações. O pobre ao pobre recorre, confiante, na certeza de que por partilharmos da mesma sorte, esta nos aproximará seguramente à fraternidade. Um e outro motivo trazem os visitantes à nossa aldeia e fazem com que os Rapazes andem a saber da gente. Estando no escritório, no campo ou as oficinas... eles vão lá ter! Largamos num instante, para dar o momento de acolhimento ao peregrino. Venha de onde vier, não importa quem é, nem o que traz. Venha em paz e será sempre bem-vindo! Somos a porta aberta, proclamamos aos telhados o que o mundo esconde de verdade.

Cada vez mais cresce o número de pesquisadores no campo das

ciências humanas que pretendem realizar os seus inquéritos na nossa escola ou, até mesmo, no regime de vida familiar da nossa Casa. Somos uma novidade para os tratados académicos! O mundo inteiro há-de espantar-se com o quanto ainda desconhece sobre o ser humano.

Ora, nós temos cá histórias heróicas de vida debaixo dos nossos tectos. São páginas sagradas impressas em cada coração que pulsa. Não somos laboratório, somos a família dos sem-família. E por se tratar de experiências únicas e desconhecidas pela razão, transforma-se em matéria sensível demais para ser testada.

Cautela! Os princípios éticos da investigação científica são claros. Não os ignoremos propositadamente. Não venha a ciência a subjugar e a domar a Humanidade ainda pura que aqui o pequenino conserva.

Veio ter connosco o representante de uma associação juvenil, para saber da nossa vida, com o propósito de virem cá passar o Dia da Independência com os nossos e trazerem um donativo. O homem viu como cada Rapaz tinha o seu dever em mão. Ficou

marcado e sensibilizado com o que ouviu na conversa de como vivemos no dia-a-dia, com várias necessidades por atender.

A assistência é companhia inseparável da boa educação! A criança sofre as carências afectivas. Por isso, ao ser acolhida, cobra, sem querer, o que a natureza lhe deu e a vida social lhe roubou.

Já faz algum tempo em que um suposto amigo, bem interessado à causa dos mais necessitados, veio pedir uma assinatura para fazer passar a sua carta de pedido às empresas em favor das crianças. Comunicaram-nos sobre o assunto, que os corações generosos tinham feito a sua parte, para ajudarem a suposta associação a canalizar donativos para as nossas crianças. No final de contas, tudo veio a terminar em nada. Uma grande burla! Nunca mais vimos a cara do sujeito. Em nome dos pobres da rua quis enriquecer-se. Cautela com o que venhas a fazer aos mais pobres. «O que fizerdes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fazes», assegurou Aquele que É a Verdade. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

É uma mulher alta, de olhar indeciso, esbatido na conjuntura da sua pobreza.

Há vários anos que a conheço e, com ela, tenho chorado a incapacidade de viver dignamente. Vive sozinha com três filhos, um com acentuada deficiência mental.

Já a visitei em vários locais da cidade, para onde se transfere em busca de um abrigo onde possa viver com a sua prole.

Não sabe ler. Para além da pedincha, neste momento não tem outra fonte de sustentação.

Porque um dos filhos abandonou a escola, cortaram-lhe o chamado RSI. Aparece-me de novo. Olhos fundos, nimbados de olheiras negras, com um miúdo na mão.

— *Sabe, padre, estou outra vez na rua!...*

E eu que devia pôr-me de joelhos e chorar. Não. Desatei num ralho nervoso direito àquela figura humana:

— *Você é sempre assim. Quantas vezes eu lhe paguei a caução e o primeiro mês da sua casa?! Quantas?!*

— *Que é que quer, eu não sou capaz!*

Fico perdido. A pobre tem razão. Ela não é capaz. A verdade está diante dos meus olhos.

Eu devia vestir-me de saco e ir por esse mundo louco pregar a impotência desta infeliz, e exigir a tanta gente dotada, que passa o tempo em futilidades, que dê a mão a estes quatro seres humanos!

Um dia... as nossas contas irão ser rigorosas!... «Que fizeste do teu irmão?».

Sim. Esta família (?) tem absoluta necessidade de ser amparada. Só, não é capaz.

Não nos descartemos com o Estado. Este rege-se por leis que são cegas. O filho abandonou a escola, sem motivo e idade para tal, e o Estado para a obrigar, corta-lhe o subsídio.

Dura lex, sed lex — A lei é dura, mas é lei.

Pode acontecer, e às vezes sucede, que uma assistente social com coração materno e fé, dê volta à situação e consiga algum apoio material. Pode acontecer, mas não é vulgar. O normal é que a **Misericórdia Divina** se compadeça destes filhos e suscite entre o Povo de Deus um grupo que, por Seu amor, visite este agregado de gente; o ampare, como a mãe faz aos filhos, e o adopte por Amor com profundidade de coração sobrenatural. Isso, sim. Só a compaixão do Céu, viva no coração dos crentes, é capaz de acolher estes pobres e dar-lhes entendimento, para perceberem a sua dignidade e a obrigação de a buscarem a todo o custo. Isto fazem-no algumas Conferências Vicentinas com perseverança, sem desânimo, até conseguirem ou pelo menos tentando sempre este objectivo — louvando assim a Deus que ama os pobres!

Esta figura humana parece-me, agora, uma aparição sobrenatural. Na verdade, ela acarreta consigo uma imensa montanha de omissões, minhas e tuas. Nossas! Do nosso tempo. Da nossa Igreja.

Quem é que agarra estas desgraças, e outras semelhantes, e as põe nas homilias ao Povo de Deus, nas missas dominicais? Quem?

Qual é a comunidade cristã ou o pároco que não fecha os olhos e anda para a frente, sem saber quantas ovelhinhas do seu rebanho andam perdidas, numa ignorância que pode ser pecaminosa?

Pode não saber, mas tem obrigação de averiguar e inquirir se, na sua esfera de acção apostólica, há ou não casos destes. E, se houver, não pode passar adiante, tem de ir à procura pessoalmente, em primeiro lugar e, depois, empurrando a Comunidade com o seu exemplo, para que vá, pondo a ovelha aos ombros das suas preocupações principais, do seu precioso tempo, também das suas férias, da sua carteira e, até, se a Graça de Deus for abundante, da sua casa e da sua mesa.

Que havia eu de dizer àquela magoada pobre com revelação de que está na rua? Sim. Que havia eu de dizer?

— *Oh, mulher, desapareça da minha vista! Já a ajudei tantas vezes!... Acabou-se! Não ajudo mais!...*

Era assim?

Ralhei, ralhei, ralhei! Mas... depois...

— *Oh, senhora, arranje lá um abrigo, que eu ajudo-a!*

Apareceu-me três dias depois com a indicação de uma casa mobilada por 280€ mensais. Mais ralho.

— *Mas, então, não lhe dei já alguma mobília? E vai alugar uma casa mobilada por este preço? E como é que a vai pagar depois? Agora pago-lhe a caução e o primeiro mês e depois?!*

— *Eu vou pedir.* — Disse-me a chorar.

Trazia uma carta escrita à mão, dirigindo-se a mim.

— *Mas isto não é nada!*

— *Venha lá comigo ver!*

— *Eu não posso!*

E lá lhe passei o cheque, endossado ao senhorio, de 560€, mas, dentro de mim avivou-se o terrível desabafo do Pai Américo: «A miséria vence; nós, meus senhores, somos uns derrotados!». □